

SILVANA MARIA FERNANDINO



**FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS:**  
**a escola livre e o ensino formal**

BELO HORIZONTE

2013

SILVANA MARIA FERNANDINO

**FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS:**  
**a escola livre e o ensino formal**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Daniela Maura dos Santos

BELO HORIZONTE  
2013

Fernandino, Silvana Maria, 1955 -  
Formação em Artes Visuais a escola livre e o ensino formal:  
Especialização em Ensino de Artes Visuais / Silvana Maria Fernandino. –  
2013.  
47 f.

Orientadora: Daniela Maura dos Santos

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes  
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,  
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em  
Ensino de Artes Visuais.

1. Formação em Artes Visuais – Emancipação – Escola Livre. I.  
Santos, Daniela Maura. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola  
de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707

SILVANA MARIA FERNANDINO

FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS:  
a escola livre e o ensino formal

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

---

Orientadora: Daniela Maura dos Santos - EAB/UFMG

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha – EBA/UFMG

---

Prof. Henrique Augusto Nunes Teixeira – EBA/UFMG

BELO HORIZONTE

2013

Dedico a todas as pessoas que qualificaram suas vidas através da arte.  
Ao meu pai que me ensinou a escrever com caneta-tinteiro na infância.  
À minha mãe que riscava enxovais, com papel de seda e cambraia pele de ovo.  
A Markus e Daniel que desde agora já fazem arte.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Arena da Cultura – Artes Visuais, pela colaboração.

À Escola de Belas Artes – Artes Visuais, pela colaboração.

A Daniela Maura dos Santos, pela atenção e orientação primorosa.

A Mônica, colaboradora de todas as horas.

A Zéus por tudo compartilhar.

Vontade é vento que sobe a serra e vai do  
lado de lá...

(José Eustaquio de Melo)

## **RESUMO**

Este trabalho busca investigar aspectos da formação em Artes Visuais como: o que se ensina em arte, em suas relações com as técnicas e procedimentos; aspectos de criação e expressão que são subjetivos e, portanto não ensináveis; a autonomia do educando no processo de formação. Estes aspectos dizem tanto da formação do professor artista quanto do desdobramento desta formação em sua prática didática. Foi realizada uma análise comparativa de dois cursos: o curso de Artes Visuais, da Escola de Belas Artes, UFMG e a formação em Artes Visuais por oficinas de longa duração do programa Arena da Cultura, da Fundação Municipal de Cultura, de Belo Horizonte. Para fundamentar o trabalho foram utilizados os projetos e programas dos cursos e realizadas entrevistas com coordenadores, professores e alunos.

Palavras-chave: Formação em Artes Visuais. Emancipação. Escola Livre.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – BELAS ARTES – Desenho C.....	27
FIGURA 2 – ARENA DA CULTURA – Especialização I.....	28

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1- ENSINANDO ARTES VISUAIS</b> .....	<b>11</b>
1.1 - O que se ensina em Artes Visuais.....	11
1.2 – Alguns aspectos a se considerar no ensino de arte .....	13
1.3 – Emancipação intelectual através da arte .....	15
<b>2. CONHECENDO OS DOIS CURSOS DE ARTES VISUAIS</b> .....	<b>16</b>
2. 1 – Curso de Artes Visuais no ARENA DA CULTURA .....	17
2.1.1 - <i>O que é Arena da Cultura?</i> .....	17
2.1.2 – <i>Ensino de Artes Visuais no Arena da Cultura</i> .....	17
2.1.3 – <i>Ingresso do aluno ao Arena da Cultura</i> .....	19
2.1.4 – <i>Formação do Aluno no Arena da Cultura</i> .....	19
2.1.5 – <i>Professores no Arena da Cultura</i> .....	19
2.2 – Cursos de Artes Visuais na ESCOLA DE BELAS ARTES .....	20
2.2.1 - <i>O que é Escola de Belas Artes?</i> .....	20
2.2.2 – <i>Ensino de Artes Visuais na Escola de Belas Artes</i> .....	20
2.2.3 – <i>Ingresso do aluno à Escola de Belas Artes</i> .....	21
2.2.4 – <i>Formação do Aluno na escola de Belas Artes</i> .....	22
2.2.5 – <i>Professores na Escola de Belas Artes</i> .....	23
<b>3 - OUVIR CURSOS DE ARTES VISUAIS</b> .....	<b>23</b>
3.1 – Coordenadores de Artes Visuais.....	23
3.2 – Professores de Artes Visuais.....	25
3.3 – Alunos de Artes Visuais .....	29
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>30</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>35</b>

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho destina-se a pesquisar como se dá o ensino nos cursos de Artes Visuais de duas escolas localizadas em Belo Horizonte. Um no projeto Arena da Cultura, vinculado à Fundação Municipal de Cultura que tem um caráter de escola livre e o outro na Escola de Belas Artes, na Universidade Federal de Minas Gerais.

Em linhas gerais, o primeiro tem o objetivo de difundir práticas artístico-culturais em diversas localidades do município e o segundo, de graduar alunos para se profissionalizarem em Artes Visuais.

Para conhecer estes cursos, foram realizadas pesquisas em seus sites na internet, sobre suas histórias, seu ensino, acesso e formação dos seus alunos e sobre seus professores. Outra forma de conhecer estes cursos foi ouvir através de entrevistas os seus Coordenadores de Artes Visuais, Professores e Alunos.

Para melhor averiguar a estrutura destes cursos de Artes Visuais, elegeu-se um referencial teórico que fundamenta uma reflexão sobre a formação em arte, em suas nuances subjetivas e objetivas, como por exemplo, abordando: a relação entre técnica e poética pessoal, a emancipação intelectual do aluno; a diminuição da distância entre quem ensina e quem aprende e o papel do professor mediador que instiga o aluno.

Acredita-se que com esta abordagem pode-se chegar a uma conclusão de como estes Cursos de Artes Visuais atuam nas suas propostas metodológicas e práticas de ensino.

### **1- ENSINANDO ARTES VISUAIS**

#### **1.1 - O que se ensina em Artes Visuais**

Fazendo uma reflexão sobre o Ensino de Artes Visuais no nosso dia a dia, nas conversas informais surgem perguntas como “Arte se ensina?” ou “Arte se aprende?”. Como é possível ensinar Artes Visuais, se Mário de Andrade (1938, p.1) já afirmou “... Que a arte na realidade não se aprende”, e na mesma fala ele “divide” a arte, e diz que há uma parte da arte que se ensina “O artesanato é a parte da técnica que se pode ensinar ” (ANDRADE, 1938, p.2). Segundo Mário de Andrade,

arte não se aprende, mas se ensina, pois a elaboração do pensamento visual não se dá espontaneamente, é construção e pode acontecer no diálogo, na troca. A arte como forma de expressão é vista pelo senso comum como “dom”, como uma dádiva, um presente, uma habilidade natural e esta compreensão desestimula seu aprendizado.

Para a formação em arte é imprescindível o fazer artístico. Nas Artes Visuais, é ensinado sobre materiais e equipamentos, regras para sua utilização, propriedades de cada um destes. A este domínio do fazer, podemos denominar, como Mário de Andrade, de artesanato. Sua supressão só prejudicaria esta formação, pois ele diz de um domínio da técnica, dos procedimentos e da estruturação da imagem visual. Outra parte do que se ensina em arte que Mário de Andrade cita é a virtuosidade. Nesta, o artista desenvolverá técnica própria e buscará o conhecimento de técnicas diversas dentro da história da arte, é o conhecimento da técnica tradicional. Estas são ensináveis e úteis como a primeira, mas não imprescindíveis, segundo o autor. A virtuosidade em excesso, comprometeria o princípio estético a que almeja um artista, pois incorre no risco de sua prática tornar-se “um tradicionalismo técnico meramente imitativo”, segundo Andrade (1938, p.3). Este, em sua aula inaugural, dos cursos de Filosofia e História da Arte, apresenta um terceiro e último aspecto da técnica que é “a solução pessoal do artista no fazer a obra de arte” (ANDRADE, 1938, p.3). Este aspecto é imprescindível, mas, também inensinável, segundo ele. Pode-se chamá-lo de talento, poética pessoal, ele diz de necessidades subjetivas que são determinantes na relação com a técnica em seus outros aspectos. Para execução da obra de arte é necessário que o artista, manifeste sua subjetividade, sua individualidade e suas relações com o contexto.

Acredita-se que para este aspecto, nos processos formativos, há que o aluno ter uma disponibilidade pessoal para cumpri-lo. O educador deve promover atividades em sala de aula que façam emergir este gosto, esta poética pessoal, esta sutileza, evitando imitações ou trabalhos apenas para cumprir etapas. É de suma importância, para a autoconfiança do aluno, que ele consiga demonstrar principalmente para si próprio nos seus processos criativos o que tem a dizer. Este é um momento delicado para o professor lidar com atenção, respeitando o tempo de cada aluno. Nesta parte do Ensino de Artes Visuais, o pensamento crítico do aluno em relação ao mundo e a si próprio desenvolve-se a partir da sala de aula e em contato com a fruição de arte. Para o bom desenvolvimento destes processos

criativos é preciso que se tenha uma postura estética diante da vida com atitudes e movimentos de buscar conhecer obras de arte em exposições, museus, filmes, livros, biografias, pesquisas, seminários. Assim, o aluno desenvolverá cada vez mais seu olhar, sua percepção, seu senso crítico. Uma vez envolvido e comprometido com as Artes Visuais, o aluno tenderá a buscar maior convivência com o fazer artístico.

Considerando os aspectos do ensino-aprendizagem em arte mencionados por Mário de Andrade, podemos afirmar que a formação em Artes Visuais instrumentaliza o aluno para instaurar seu olhar diante do mundo, para materializar seu pensamento visual nas mais variadas profissões ou ainda para ser pesquisador, professor de arte e/ou artista. Mais do que ensinar técnicas ao exercitar o fazer artístico criativamente, o professor de Artes Visuais, capacitará o seu aluno a desenvolver o pensamento a reflexão sobre suas práticas. O educador acolherá dados da vivência deste aluno, proporcionando uma efetiva relação do mesmo com o aprendizado em arte e com a proposta da escola.

Mais do que isto, os educadores precisam estar atentos à realidade vivida pelos seus alunos, o seu meio, a sua comunidade, como forma de enriquecer a produção artística. Trazer as impressões e vivências deste indivíduo e de seu contexto para sala de aula de forma a articular técnicas e conhecimentos em arte, gerando novas possibilidades, nova imaginação e maior autonomia para a ação artística. Cabe ao educador observar o que este aluno tem a dizer sobre seu pensamento visual, acolhendo seu repertório, sua bagagem anterior à escola. Fazer com que este aluno supere circunstâncias materiais e acesse meios de frequentar arte, inserindo-o no contexto contemporâneo.

E a escola refletirá em seus planejamentos e práticas que tipo de aluno ela deseja formar em Artes Visuais.

## 1.2 – Alguns aspectos a se considerar no ensino de arte

Em seu romance *Jean-Christophe*, Romain Rolland (1986) através da biografia ficcional de um músico, nos mostra os diferentes aspectos da arte, revelando possibilidades de concepção do fazer artístico, mesmo se tratando de personagens que vivem dentro de contexto familiar. Estas concepções podem se desdobrar em questões para reflexão sobre a formação artística. São três personagens que se relacionam com o menino durante seus anos iniciais de formação musical: seu avô,

seu tio e seu pai. A sistematização do conhecimento musical era executada pelo avô que anota as composições do menino, dando forma à expressão do neto de seis anos que cantarolava e fazia música para tudo que via e sentia. Para ele, é essencial formalizar aquela criatividade do neto, os solfejos, os sons emitidos aleatoriamente, versos cantarolados para qualquer situação. As criações do neto precisavam ser colocadas no papel para não ficarem esquecidas ou mesmo se dispersarem.

“O velho estava radiante, e explicou-lhe o caderno. - Aqui está: Ária. Foi o que tu cantaste terça-feira, quando estavas deitado no chão. – Marcha. Foi o que pedi que repetisses na semana passada e que não pudeste lembrar. - Minueto. Foi o que dançaste diante da minha poltrona... Olha. Sobre a capa, estava escrito, em letras góticas admiráveis: Os Prazeres da Mocidade: Aria, Minueto, Valsa e Marcha Op. I de Jean-Christophe Krafft.[...] Naturalmente, eu acrescentei o acompanhamento e as harmonias de acordo com o caráter do canto. E, além disso... (tossiu) – e, além disso, também acrescentei um trio (a grafia na tradução, não dá para entender) no minueto por que... porque é costume...; e depois... enfim acho que não está mal. Tocou-o – Christophe estava orgulhoso de colaborar com o avô: - Mas, então vovô, é preciso que ponhas também o teu nome.” (ROLLAND, 1986, p.96)

Já o pai do músico valoriza o treinamento técnico no fazer arte, ou seja, o virtuosismo. A execução artística. Exigindo um treinamento técnico primoroso.

“... declarou que o velho estava louco[...] e quanto a Christophe, ele que fizesse o favor de não mais ocupar daquelas baboseiras, e de ir *illico* para o piano, e tocar exercícios durante quatro horas. Que trate primeiro de aprender a tocar corretamente: para a composição teria tempo mais tarde, quando não tivesse nada melhor a fazer[...] na sua fatuidade de virtuose, a considerar a composição como uma coisa secundária, cujo inteiro valor só lhe vinha da arte do executante[...] Colocava o virtuose no cimo da escala artística, porque, dizia, é bem sabido que a língua é a parte mais nobre do corpo, e o que seria do pensamento sem a palavra? E da música sem o executante? (ROLLAND, 1986, p.98)

O tio já enfatiza a criação artística em sua relação com a imaginação, em diálogo com a tradição, com conceitos advindos da cultura popular.

“- Para que cantar outra? Uma basta. Canta-se quando se tem necessidade de cantar, quando é preciso cantar. Não se deve cantar por divertimento. - Mas quando se faz música? - Não é música[...] - Elas sempre existiram[...] - Para quê? Há canções para tudo. Para

quando estás triste e para quando estás alegre; para quando estás cansado e pensas na tua casa que está longe[...] porque o dia está lindo e vês o céu de Deus, e Ele, sim é sempre bom e parece sorrir-te... Há para tudo, para tudo. Para que faria eu outras? (ROLLAND, 1986, p.104)[...] - Quanto mais quiseres, menos poderás. Para fazer canções é preciso ser como... Ouve... A lua[...] rã[...] sapos[...] grilos[...] estrelas[...] vento[...] canto frágil do rouxinol. - Para que precisas cantar?[...] Não cantam eles melhor do que tu poderás fazer?(ROLLAND, 1986, p.105)[...] “Se quiseres, iremos outras noites ouvir música de Deus, e eu te cantarei outras canções.”[...]Jensinava-o distinguir vozes da terra, do ar e da água, os cantos, os gritos, os ruídos do pequeno mundo voador[...] inúmeros instrumentos da sinfonia da noite... (ROLLAND, 1986, p.106) - Vovô acha minha música muito bonita – gritou ele[...] ele tem razão. É um homem muito instruído. Conhece muito a música. Quanto a mim, eu não tenho nada... (ROLLAND, 1986, p. 107) [...] - Aí está! Compuseste por compor. Escreveste para seres um grande músico, para que te admirassem. Foste orgulhoso, mentiste: foste punido... Aí está! Sempre somos punidos quando somos orgulhosos e mentimos em música. A música deve ser modesta e sincera. De outra forma, o que é ela? Uma impiedade, uma blasfêmia contra o Senhor, que nos presenteou com um belo canto para dizermos coisas verdadeiras e honestas(ROLLAND, 1986, p.108)[...] - Fica sabendo meu filho: tudo o que escreves dentro de casa, não é música. A música dentro de casa é o sol no quarto. A música está cá fora, quando respiras o querido arzinho do bom Deus.”(ROLLAND, 1986, p.109)

Considerando os aspectos da formação em arte apresentados pelo autor através dos personagens temos a sistematização dos conteúdos, o embate com os materiais, técnicas e a criação, imaginação, memória e tradição cultural. Todas essas esferas são importantes na formação do aluno em Artes Visuais.

### 1.3 – Emancipação intelectual através da arte

Observa-se também, no romance de Romain Rolland, tendências de hierarquização de saberes, comuns também, no ambiente escolar e, principalmente, na relação entre professor e aluno. Segundo Jacques Rancière (2002, p. 18) é preciso que o educador desfaça esta relação hierárquica de que é mais ou maior quem ensina ou quem educa, abolindo a distância entre quem aprende e quem ensina. É uma oportunidade que o educador tem de compartilhar momentos novos, experimentos, improvisações com seus alunos. E neste contexto, ambos se igualam.

Exemplos corriqueiros e habituais desta inversão de papéis, ou ainda relação de troca de conhecimento, acontecem quando educadores ao lidarem com a tecnologia em sala de aula tem total apoio dos seus alunos, visto que estes estão mais familiarizados com a era digital.

Rancière (2002, p.2) afirma que os educadores devem transformar o que já sabem, livrando-se de verdades cristalizadas, permitindo novos caminhos. Ouvir o que aluno tem a dizer, o que ele traz consigo na sua bagagem. É importante que o professor ensine também o que não sabe, ou seja, que muito mais do que os conteúdos que domina, também ensine métodos de pesquisa e de produção de conhecimento, contribuindo para que este aluno se emancipe por si mesmo.

Jacotot, o educador, citado no texto de Rancière, faz “declarações estarrecedoras” para sua época como dizer que “instruir é eternizar a desigualdade”. Para ele o ato de instruir já é uma relação de desiguais e cabe ao educador promover a “emancipação de inteligências”.

Para se emancipar alguém é preciso que se tenha emancipado a si próprio diz Rancière (2002, p.44), através do conhecimento de si mesmo, “revelando a inteligência a ela mesma”. Jacotot chama a atenção para a forma como todas as crianças assimilam de forma exemplar a sua língua de origem. Por tentativa e erro, apenas observando seus pais. Não sendo necessário, um educador para acompanhar a criança com explicações sistemáticas. Para ele, todos os seres humanos se igualam em inteligência, sendo capazes de instruir-se e de ensinar inclusive o que não sabem. Para ele, o bom mestre guia discretamente a inteligência do seu aluno, através de perguntas.

No estudo do texto de Rancière fica evidente que o educador deve instaurar um novo olhar no aluno, permitindo que ele se aproprie do conhecimento. Considera-se este aspecto na relação aluno/professor fundamental em todos os âmbitos, mas especialmente na formação em Artes Visuais.

## **2. CONHECENDO OS DOIS CURSOS DE ARTES VISUAIS**

Para objeto de análise, esta pesquisa elege dois cursos de Artes Visuais situados em Belo Horizonte, Minas Gerais. O primeiro, no ARENA DA CULTURA – Artes Visuais, vinculado à esfera administrativa municipal e o segundo, na ESCOLA DE BELAS ARTES – Graduação em Artes Visuais, UFMG.

Pretende-se aqui, comparar dados formais colhidos na internet através dos sites destes cursos, a seguir:

- uma pequena trajetória do curso;
- ensino de Artes Visuais nestes cursos;

- formas de ingresso do aluno ao curso de Artes Visuais;
- o perfil do aluno que a escola deseja formar;
- o educador em Artes Visuais.

## 2. 1 – Curso de Artes Visuais no ARENA DA CULTURA

### 2.1.1 - O que é o Arena da Cultura?

O Arena da Cultura, criado pela Fundação Municipal de Cultura, vinculado à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, foi um projeto iniciado em 1998 que tem como objetivo descentralizar a cultura através de práticas e atividades nas nove regiões administrativas do município. Nos últimos anos, o Arena da Cultura tornou-se um referencial em formação artística e cultural. Em meados de 2009, o projeto teve uma interrupção de suas atividades que proporcionou reflexões sobre sua estratégia de trabalho de forma a atingir suas metas. Um novo modelo se instalou em 2011, elaborado para atender ao programa municipal de formação artística.

Seu quadro artístico-pedagógico é escolhido através de edital em parceria com a Fundação de Desenvolvimento de Pesquisa, aberto a todos os profissionais das áreas de Artes Visuais, Circo, Dança, Música, Teatro e Patrimônio Cultural. Hoje, o Arena da Cultura conta com a atuação de coordenadores nas suas seis áreas que propõem, acompanham e avaliam os trabalhos, ativando e refletindo sobre os processos formativos em seus aspectos conceituais e metodológicos.

### 2.1.2 – Ensino de Artes Visuais no Arena da Cultura

No Arena da Cultura, nas etapas de formação em Artes Visuais são desenvolvidos métodos de criação de imagens e reflexão sobre o universo da imagem visual, difundindo a prática artística como forma de conhecimento.

Trabalha-se, ainda, nestas etapas, a diversidade cultural na atualidade, acolhendo habilidades e experiências visuais dos seus alunos, estas essenciais aos processos formativos. Nas oficinas, são realizadas experimentações artísticas que privilegiam o inter-relacionamento com práticas artísticas contemporâneas.

A abordagem da área de Artes Visuais se baseia nas seguintes diretrizes:

- A imagem e seus modos de visibilidade ao longo da história;
- Informação, técnicas, tecnologias e linguagens;

- A criação e a experimentação como procedimento.

Estes “Eixos de Abordagem” orientam as práticas dos profissionais que ministram as oficinas e promovem a integração entre as modalidades, ciclos e módulos. As modalidades são duas: as de 36 horas/aula de Curta Duração e as de 126 horas/aula de Longa Duração.

Esta pesquisa focará nas oficinas de Longa Duração, que em sua maioria se realizam no Núcleo de Formação Artística e Cultural, localizado na área central do município. Elas têm duração (prevista) de oito semestres e se estruturam em módulos de: Iniciação, Aprofundamento I, Aprofundamento II, Aprofundamento III, Especialização I, II, III e IV.

Cada uma, destas etapas, tem ementa própria, sendo desejável que seus conteúdos sejam desenvolvidos em atividades de modo “integrado e não hierarquizado”, assim estabelecidos em oito tópicos para cada módulo, ciclo ou modalidade, abaixo descritos:

- expressão bidimensional;
- expressão tridimensional;
- imagens técnicas;
- história das imagens visuais;
- estruturação da imagem visual;
- apreciação e análise da imagem visual;
- invenção (criação);
- inserção da imagem no campo social.

Nos Anexos I, II desta pesquisa, encontra-se a grade curricular de forma resumida, a título de melhor visualização do conjunto. Constam as onze áreas de interesse ou linguagens das oficinas de Curta Duração e breve descrição sobre os cursos de Longa Duração.

A oficina de Iniciação – Longa Duração, propicia um contato inicial com as Artes Visuais, introduzindo o participante à criação de imagens através das informações, técnicas, tecnologias e linguagens; ao desenvolvimento de práticas de estruturação da imagem através do desenho, pintura, colagem, gravura, escultura e práticas correlatas, proporcionando a reflexão sobre as relações com os objetos, com o ambiente e com o corpo no tempo presente.

Na oficina de Aprofundamento – Longa Duração – Módulo I: Imagem, Objeto e Pensamento como o próprio nome diz, leva os participantes a aprofundarem nas

Artes Visuais, com práticas e reflexões nas relações estabelecidas com objetos naturais e manufaturados e suas representações.

Nos Módulos II e III, respectivamente, aprofundam nas Artes Visuais com práticas e reflexões a partir das relações com o corpo (Figura Humana) e com o espaço (Paisagem).

A etapa de especialização se divide em dois eixos: Especialização I – Expressão Bidimensional e Especialização II – Arte Ambiente. A cada um dos quatro semestres que compõem a especialização os alunos se debruçam sobre uma questão: o desenho, a cor, a tridimensionalidade e por fim a fotografia e o vídeo.

### 2.1.3 – Ingresso do aluno no Arena da Cultura

O Arena da Cultura busca o atendimento a um público universal e o acesso do aluno se dá através de inscrições gratuitas para cidadãos comprovadamente residentes em Belo Horizonte, com pré-requisitos listados a seguir:

- idade mínima de seis anos de idade para oficinas de 36 horas/aula;
- quatorze anos de idade, alfabetizado para oficinas de 126 horas/aula que fazem parte do processo formativo de quatro anos.

O cadastro dos menores de dezesseis anos deve ser feito pelos pais ou responsáveis e sua participação se restringe às oficinas de Curta Duração.

### 2.1.4 – Formação do Aluno no Arena da Cultura

A formação do aluno de Artes Visuais no Arena da Cultura visa o ensino para processos de criação artística através do aprendizado de técnicas, pesquisa de materiais e equipamentos, conhecimento de técnicas de outros artistas visuais, aulas com visitas a museus, exposições, galerias de arte. Permite a troca de experiência, desenvolve aptidões, conseqüentemente, o aumento da autoestima do aluno diante de sua nova capacidade gerando sua melhor inserção social na comunidade em que vive. Prepara também, para o acesso à graduação universitária na área de artes, proporcionando qualificação profissional. Emite uma declaração mediante solicitação, não sendo possível o fornecimento de certificados.

### 2.1.5 – Professores no Arena da Cultura

Os professores que ministram as oficinas no Arena da Cultura precisam ter experiências artísticas, didáticas e pedagógicas, devendo ser graduados em Artes Visuais ou áreas afins ( Artes Plásticas, Arquitetura, Cinema, Design, Comunicação, Letras) ou cursos livres de Artes Visuais. Todos apresentam propostas de oficinas de Artes Visuais, regulamentadas pela Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa. Esta equipe de profissionais tem como objetivo desenvolver atividades de experimentação, reflexão e criação de tecnologias de ensino que sirvam de base às práticas e reflexões possíveis nas oficinas.

## 2.2 – Cursos de Artes Visuais na ESCOLA DE BELAS ARTES

### 2.2.1 - O que é Escola de Belas Artes?

“A Escola de Belas Artes da Universidade Federal Minas Gerais foi criada em 05 de abril de 1957, inicialmente sob a forma de curso de arte na Escola de Arquitetura. Posteriormente, foi transformada em escola e aprovada pelo Decreto - Lei nº 62.317 de 28 de fevereiro de 1968, quando passou a constituir uma unidade do sistema básico da Universidade Federal de Minas Gerais.”<sup>1</sup> Atualmente mantém as graduações em Artes Visuais, Cinema de Animação e Artes Digitais, Conservação, Design de Moda, Teatro e Dança. Além da Licenciatura em Artes Visuais e pós-graduações em Mestrado, Doutorado e Especialização. A Escola de Belas Artes passou por várias mudanças desde sua criação até hoje. Estas mudanças variavam desde a nomenclatura dos cursos, disciplinas e grades curriculares, até mudanças de localidade, sendo que em 1972, a escola passou a ter prédio próprio no Campus Pampulha.

### 2.2.2 – Ensino de Artes Visuais na Escola de Belas Artes

O ensino de Artes Visuais na Escola de Belas Artes/UFMG destina-se a “formar profissionais envolvidos no processo de produção, pesquisa, crítica e ensino de Artes Visuais”<sup>2</sup> O enfoque geral deste ensino é o estímulo às reflexões sobre arte e seu estudo, aprendizagem e ensino em todas suas variáveis e à interação, teoria e prática, continuamente.

---

<sup>1</sup> Escola de Belas Artes da UFMG, disponível no site <http://www.eba.ufmg.br>, acessado em 26/10/13.

<sup>2</sup> Reforma Curricular do curso de Graduação em Artes Visuais, disponível no site [http://www.fae.ufmg.br/licenciaturas/pdfs/artes\\_visuais.pdf](http://www.fae.ufmg.br/licenciaturas/pdfs/artes_visuais.pdf)., acessado em 04/12/13.

A formação tem duração de oito semestres, dividido em Ciclo Básico – 1º e 2º períodos e Habilitação - do 3º ao 8º períodos, mediante opção do aluno. As Habilitações podem ser em Artes Gráficas, Desenho, Escultura, Gravura e Pintura.

No curso de Artes Visuais constam disciplinas Obrigatórias, Optativas e Atividades Complementares. Para melhor visualizá-las, foram anexados os Quadros de Horário do 2º Semestre/2013, relativo às disciplinas do Ciclo Básico, da Habilitação em Artes Gráficas, da Habilitação em Desenho e das Optativas. Anexos VI, VII, VIII e IX. (Escola de Belas Artes/UFMG, disponíveis no site [www.eba.ufmg.br](http://www.eba.ufmg.br), acessado em 09/11/13). A opção por estas grades foi por agruparem a Habilitação dos alunos entrevistados e prática dos professores entrevistados para esta pesquisa. Optou-se ainda, pelo Quadro de Horários, visto que a Grade Curricular ou Currículo Padrão estar desatualizado no site, na época da pesquisa.

A nomenclaturas das disciplinas são apresentadas de forma “globalizante” permitindo maior “flexibilidade na elaboração das ementas dos conteúdos programáticos”<sup>3</sup>, facilitando as mudanças, por vezes, necessárias. Um exemplo citado no Projeto Pedagógico Reformulado, uma disciplina Obrigatória na Habilitação é Optativa nas demais.<sup>4</sup>

Destaca-se, aqui, o conteúdo das ementas das disciplinas do Ciclo Básico, de forma resumida:

- enfoques teóricos sobre concepções e manifestações artísticas através história da pré-história à contemporaneidade, no Brasil e no mundo;
- emprego de métodos e técnicas para construção de imagens e ideias através do desenho e da pintura; teoria e prática da constituição da forma tridimensional; estudo da forma, da cor e da composição em suas várias relações em terrenos específicos das artes visuais; introdução à imagem técnica com exploração de processos, materiais e equipamentos; reprodução da imagem e suas técnicas;
- investigação crítica e estrutural das Artes Visuais.

### 2.2.3 – Ingresso do aluno à Escola de Belas Artes

---

<sup>3</sup> Reforma Curricular do curso de Graduação em Artes Visuais, disponível no site [http://www.fae.ufmg.br/licenciaturas/pdfs/artes\\_visuais.pdf](http://www.fae.ufmg.br/licenciaturas/pdfs/artes_visuais.pdf)., acessado em 04/12/13.

<sup>4</sup> Idem 3.

O ingresso ao curso de Artes Visuais se dá através do Exame Nacional do Ensino Médio e através do Concursos Vestibular com a prova de Habilidade em Artes Visuais. As inscrições são feitas via internet, mediante pagamento de taxa.

Este edital oferece para graduação em Artes Visuais, 60 vagas para Livre Concorrência; 20 para egressos da Rede Pública (Pretos, Pardos e Indígenas com renda familiar de até 1,5 salário mínimo per capita, 6 vagas e Outras Declarações, 4 vagas, e acima de 1,5 salário mínimo per capita, 6 e 4 vagas, respectivamente.

Ao submeter-se à prova de “Habilidade Específica” no vestibular, o aluno necessitará demonstrar sua “Percepção Visual” como pré-requisito, descrita no Anexo V desta pesquisa. Mesmo que iniciante, o aluno precisa ter intimidade com os recursos técnicos e materiais disponíveis no momento da avaliação, com a observação de forma produtiva para representação do que está sendo solicitado, demonstrando sua criatividade e expressão e conhecimentos básicos da prática em Artes Visuais.

#### 2.2.4 – Formação do Aluno na escola de Belas Artes

Desde o pré-requisito para ingresso ao curso de Artes Visuais, através da prova de Habilidade Específica, a universidade já demonstra que tipo de aluno deseja formar. Uma vez matriculado, o aluno inicia o Ciclo Básico, em seguida, o aluno partirá para a Habilitação escolhida e já definindo as disciplinas Optativas que farão parte do seu currículo. Fará o intermediário, que são os 3º e 4º períodos que lhe servirão de base para sua Habilitação. Em seguida, fará o aprofundamento, sistematizando conhecimentos nas bases teóricas do ensino de arte de forma integrada com os processos artísticos de ateliê.

Em seus documentos, o curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes propõe um melhor ensino ao aluno, levando em conta o aporte teórico e a reflexão sobre as práticas, “a preocupação com a formação cultural do aluno e sua visão de mundo”, a criação de condições para professores e alunos pensarem juntos e imaginativamente, de forma a confiar em sua capacidade.

A escola tem como objetivo ensinar o aluno a continuar se formando por toda sua vida profissional, “ensine ao sujeito como aprender sempre”, e que este profissional e/ou professor de arte esteja, sempre em contato com a experiência estética e que o contexto artístico faça parte da sua vida.

A escola pretende que o aluno egresso do Bacharelado em Artes Visuais atue em Artes Visuais com autonomia, desenvolvendo atividades artísticas nas suas

variedades e compreendendo fenômenos artísticos, contribuindo crítica e criativamente.

#### 2.2.5 – Professores na Escola de Belas Artes

Os profissionais que atuam como professores no curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes/UFMG submetem-se a concurso público mediante edital publicado no Diário Oficial da União.

Na Escola de Belas Artes, seus programas de pós-graduação propiciam ao professor aperfeiçoar sua formação em Artes Visuais.

Vale pontuar que alguns professores graduaram-se na própria escola ou lá fizeram seus mestrados e/ou doutorados.

O ensino de Artes Visuais e o professor devem “assegurar continuidade e ruptura garantindo uma prática artística/pedagógica consistente”. É importante que o professor, assim, como qualquer outro profissional em artes vivencie experiências estéticas, relacione com contextos artísticos e proporcione-se uma educação continuada de forma a se atualizar. Mesmo porque o ensino/aprendizagem é uma atividade de troca mútua na relação professor/aluno.

### 3 - OUVIR CURSOS DE ARTES VISUAIS

Após aprofundamento no referencial teórico e pesquisa de dados sobre o planejamento da execução teórico-prática dos dois cursos de Artes Visuais eleitos para esta pesquisa, foram ouvidos coordenadores, professores e alunos através de entrevistas. Acredita-se que este contato estabelecido através das entrevistas auxilia na compreensão das relações entre os objetivos propostos e a prática cotidiana.

As entrevistas foram planejadas para serem feitas com os coordenadores dos cursos, inicialmente e estes escolheriam professores e alunos a serem entrevistados. Ver Anexo X.

#### 3.1 – Coordenadores de Artes Visuais

Foram entrevistados o Coordenador da Área de Artes Visuais da Ação de Formação Artística e Cultural da Fundação Municipal de Cultura, Arena da Cultura, Wilson Teixeira de Avelar e o Coordenador do curso de Artes Visuais, da Escola de Belas Artes da UFMG, Antonio Milton Signorini.

Sobre o acolhimento do repertório visual do aluno, anterior à entrada na escola, Wilson de Avelar, diz que é a base do trabalho do Arena da Cultura. Que a equipe tenta o tempo todo se nortear pela experiência visual do aluno. Diz que se compartilha com o aluno a experiência, a prática, valorizando o indivíduo e as diferenças. Afirma “construímos com a pesquisa, com a experiência e com a reflexão.”

Já, Signorini diz que dentro de um curso de Artes Visuais há uma tendência a tratar todos como se fossem iguais, ocorrendo uma certa padronização. O professor considera o pensamento do aluno a partir deste primeiro contato na escola.

Sobre as etapas dos processos criativos, Wilson de Avelar diz que “virtuosismo” é uma escolha pessoal, uma busca do próprio indivíduo. Para ter tranquilidade no traço. Cita Rubem Valentim “sem o fazer, não há solução”. O projeto Arena da Cultura não procura no aluno o talento, mas o desejo de conhecer as Artes Visuais por meio da prática e reflexão.

Quanto ao Signorini, diz que não consegue separar as fases do fazer artístico. Quando se separa, estes estágios tornam-se hierárquicos, desvinculando-se. Da junção da habilidade manual com o conhecimento técnico, no embate do fazer, surge o talento, o virtuosismo. Na escola não se faz obra de arte, formam-se artistas. Acredita que na fase de formação, os alunos estão muito jovens. O impulso juvenil é necessário ao movimento do mundo. É importante não rotular o aluno. No tempo dele, ele descobre o que dá sentido ao que faz.

Quanto à emancipação intelectual através das Artes Visuais, Wilson de Avelar diz que se a pessoa faz algo que deseja na vida, ela se emancipa.

Signorini também acredita na emancipação. A educação precisa da utopia da mudança, pois se trabalha na educação para instaurar a mudança, superar os limites do imaginário. O enfoque é o sujeito, nem sempre se sabe o que vai sair dali, segundo ele. É preciso que o professor abra mão da autoridade.

Wilson Avelar acredita que seu projeto pessoal de educador em Artes Visuais é totalmente compatível com o projeto pedagógico do Arena da Cultura.

Já Signorini não acha. Segundo ele há muita fragmentação da construção do saber no próprio currículo. Ele acredita na abordagem pessoal do professor, pois a relação professor/aluno ultrapassa a relação formal da escola.

Quanto a abolir a distância entre quem ensina e quem aprende, Wilson de Avelar disse que no Arena da Cultura, utilizam-se diversos métodos na construção do conhecimento.

Signorini afirmou que em artes não tem como ser diferente. Tem que ser no pequeno, não no auditório. A aproximação é essencial em qualquer área. No cruzamento entre um professor e um aluno pode haver um choque inicial, mas se há um encontro, pode dar certo e produzir algo muito positivo.

O Arena da Cultura deseja formar, segundo Wilson de Avelar, um aluno autônomo e consciente daquilo que ele produz.

A Escola de Belas Artes um produtor e pesquisador em Artes Visuais no seu sentido mais amplo, de acordo Signorini.

Ainda sobre relações entre a criação artística, a sistematização do conhecimento em arte e o virtuosismo, o Coordenador Wilson de Avelar disse que a escola é o lugar da experimentação, formação e criação artística. Trabalha-se com vários conteúdos da imagem, com a invenção como método para o conhecimento.

O Coordenador, Signorini, disse que não vê como separar estas concepções na formação em artes.

### 3.2 – Professores de Artes Visuais

Foram entrevistados o Professor de Artes Visuais do Arena da Cultura, Marcel Martins Lacerda Diogo e o Professor de Desenho, da Escola de Belas Artes, Eugênio Paccelli da Silva Horta.

O acolhimento do repertório visual do aluno, segundo Marcel, é uma das propostas do Arena, busca-se atuar o mais próximo possível das ideias e do imaginário do aluno. Que é do aluno a escolha pelas técnicas e modos de representar e que se todos terminam um curso com produções iguais, ele considera como um fracasso.

Para Eugênio, é necessário trazer o referencial do aluno para a sala de aula, por mais precário que seja, pois é a partir deste que ele vai se posicionar como indivíduo criador. Mesmo que este aluno descontra este referencial, a partir de novas

possibilidades apresentadas a ele, é importante, não homogeneizar o referencial dos seus alunos.

Quanto às relações entre técnica e criação, Marcel diz que cada um tem um conceito. É importante que cada um construa um método para sua técnica. Diante das propostas em sala de aula, ele acha que é importante a experiência. A ideia é que estes componentes do fazer artístico venham da fruição e da experiência e não da busca por um modelo.

Segundo Eugênio, talento só se desenvolve a partir de experiências que dialogam com referenciais distintos, com vários modos de fazer: a técnica é a fronteira entre a arte e o artesanato. Técnica e conhecimento estão ligados, a prática constante revela isto.

Para Marcel, emancipação através das Artes Visuais é possível desde que cada um construa seu processo com consciência, pois uma imagem é de responsabilidade de quem a produz.

Eugênio acredita na emancipação pensada dentro do contexto do ensino, quando o aluno é convidado a si posicionar dentro de um universo que vai muito além de sua subjetividade.

Sobre o projeto pedagógico da escola e seu projeto pessoal, enquanto educador, Marcel diz que acha compatível porque respeita o imaginário de cada aluno, o professor é apenas um auxiliador.

Eugênio sente afinidade entre seu projeto pessoal enquanto educador e a proposta da Escola de Belas Artes na medida em que acredita num projeto pedagógico móvel, flexível, aberto a constantes adaptações, assim, como o próprio homem.

FIGURA I – BELAS ARTES – Desenho C

Aula de DESENHO C da GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS realizada no dia 07 de novembro de 2013 na EBA, quando foi realizada a entrevista com o professor Eugênio Paccelli da Silva Horta.

Fonte: da autora, 2013



FIGURA II – ARENA DA CULTURA – Especialização I

Aula de ESPECIALIZAÇÃO I no ARENA DA CULTURA, realizada no dia 09 de novembro de 2013, no NUFAC, quando foram realizadas as entrevistas com o professor e dois alunos.

Fonte: da autora, 2013



### 3.3 – Alunos de Artes Visuais

Foram entrevistados dois alunos do curso de Especialização I - Expressão Bidimensional, do Arena da Cultura e dois alunos do 5º Período de Artes Gráficas da Escola de Belas Artes.

Os dois alunos da Escola de Belas Artes, consideram que seu repertório visual anterior é pequeno e por este motivo não foi acolhido pela escola. Um aluno do Arena da Cultura não respondeu e a outra acredita que sua bagagem visual foi acolhida pelo programa.

Quanto à relação entre técnica e criação, três acharam que conseguem se mostrar nos seus trabalhos em sala de aula e colocar o que têm a dizer sobre seu processo criativo artístico. Um aluno da Escola de Belas Artes disse que varia muito, que às vezes ele consegue e, às vezes, não consegue mostrar o que tem a dizer nos seus trabalhos.

Quanto à emancipação através das Artes Visuais, uma aluna da Escola de Belas Artes disse que “ajuda, mas não transforma” já seu colega, disse “através da arte você quebra dogmas, conceitos, gerando reflexão, possibilidades e potencialização”. Os alunos do Arena da Cultura acreditam na arte como emancipadora, segundo um deles a arte é necessária para o indivíduo “sair da estrutura” .

Quanto as relações entre as aulas e seus projetos pessoais, apenas a aluna do Arena da Cultura acredita que há uma correspondência. O outro aluno disse que atualmente está desinteressado e que às vezes vai à aula só para conviver. Ele gostaria que os alunos escolhessem o que aprender. Já dentre os alunos da Escola de Belas Artes uma disse que a escola valoriza mais arte conceitual, e que ela não desenha mais como antes. O outro disse que a escola não interage com outras áreas, portanto, seu objetivo que é a ilustração fica de lado.

Sobre as diversas possibilidades de atuação em arte e suas escolhas, quanto aos alunos do Arena da Cultura, a um interessa a sistematização do conhecimento através do ensino com objetivo de constante atualização, a outra faz opção pelo fazer artístico e por comercializar arte. Quanto aos alunos da Belas Artes, um almeja a sistematização do conhecimento através da pesquisa em arte e praticar o fazer artístico, a outra pretende optar pelo fazer artístico.

## CONCLUSÃO

Quando se instituiu dois Cursos de Artes Visuais para objeto de análise de uma pesquisa, a primeira tendência foi fazer uma comparação valorativa. Porém isto se mostrou uma tarefa praticamente impossível, pois eles foram concebidos sob diferentes princípios, em diferentes contextos.

O Arena da Cultura é vinculado à Cultura e a Escola de Belas Artes à Educação. Seus objetivos diferenciam-se, pois, o Arena da Cultura busca difundir e descentralizar as práticas artísticas como forma de produção de conhecimento através de oficinas em diferentes locais do município, priorizando a autonomia dos alunos na produção de conhecimento. Enquanto a Escola de Belas Artes ensina Artes Visuais através do curso de Graduação, focando na formação do aluno como um produtor e pesquisador em Artes Visuais.

O Arena da Cultura, por ser ainda um programa da prefeitura e não possuir verba fixa, teve algumas interrupções desde seu início até hoje, desmotivando seus alunos a continuarem os estudos e quando continuam ficam mais do que os quatro anos previstos para obter a formação completa.

A Escola de Belas Artes fornece o certificado de conclusão de curso e o título de Bacharel em Artes Visuais com a Habilitação escolhida, proporcionando ao aluno se profissionalizar e concorrer no mercado de trabalho de maneira mais efetiva. No Arena da Cultura, a falta de certificação/titularidade impede os alunos de concorrerem em processos que exijam estes documentos, eles se qualificam e atuam em estruturas informais, que não exigem uma comprovação oficial de formação.

O saber anterior do aluno em Artes Visuais na Escola de Belas Artes é utilizado de modo impessoal na avaliação para seu ingresso, na prova de Habilidade Específica. O Arena da Cultura não exige do seu aluno um saber anterior, é necessário apenas que seja alfabetizado e que tenha o desejo de produzir imagens. No Arena da Cultura, há flexibilidade de horários de forma a atender ao aluno que trabalha, portanto, há diversos alunos que atuam em outras profissões. Já na Escola de Belas Artes, o curso é diurno o que impossibilita o aluno de trabalhar. Entretanto, dentro da universidade há como os alunos trabalharem, como monitores, em áreas nem sempre afins, às vezes, dentro da própria escola de forma a compatibilizar os seus horários.

Não se conseguiu através desta pesquisa, levantar como se dá a avaliação dos alunos do Arena da Cultura para passar de um Ciclo para o outro. Os processos avaliativos na Escola de Belas Artes foram bem definidos no Projeto Pedagógico Reformulado, e ocorrem através de Pasta/Portifólio, Diário de Bordo, Auto-avaliação, Entrevista, Aferições conceituais e de termos técnicos, Mostra de trabalhos e Exposições.

Quanto às ementas e conteúdos programáticos das oficinas/aulas das duas Escolas de Artes Visuais, as propostas são semelhantes. Ainda quanto aos programas, vale ressaltar a estrutura que organiza os módulos no Arena da Cultura, cada etapa é definida por um tema, por exemplo, objetos, corpo ou paisagem e a cada tema/etapa os conteúdos são retrabalhados sob uma nova lente.

Para melhor ilustrar, destacamos abaixo uma tabela, sintetizando as principais equivalências entre as escolas:

ESCOLA DE BELAS ARTES	Aspectos para as aproximações	ARENA DA CULTURA
2145 horas aula*	Carga Horária	Longa duração
equivalentes	Conteúdo Programático das Ementas	cerca de 1180 horas
equivalentes	Conteúdo Programático das Ementas	equivalentes
Prova de Habilidade	Ingresso dos Alunos	Interesse, idade mínima de 16 anos, ser alfabetizado.
Educação	Vínculo	Cultura
Titulação	Alunos Egressos	Prática do Fazer Artístico
Federal	Esfera Administrativa	Municipal
Artistas, pesquisadores e professores	Objetivo	Difusão prática artística
Vínculo Empregatício / Concurso	Ingresso dos Professores	Prestação de Serviços/ Edital
Um só local	Prática do Ensino	Diferentes Locais

\* Ciclo Básico + Habilitação em Artes ou Habilitação em Desenho

As entrevistas foram feitas dentro das salas de aula. Foi observado na fala dos alunos uma relação de maior intimidade com o espaço no caso do Arena da Cultura. Observou-se nesta pesquisa que ao utilizar uma fonte como a entrevista é necessário que se desenvolva um planejamento, para instaurar um diálogo efetivo entre entrevistador e entrevistado.

Ao fazer a pesquisa sobre os documentos das instituições foram utilizadas várias fontes mas observou-se que os sites às vezes encontram-se desatualizados, tornando necessária uma confirmação e atualização das informações por meio da entrevista com os coordenadores.

Nas entrevistas, houve um pouco de dificuldade para se aproximar do Arena da Cultura. O acesso às pessoas não é facilitado, como se lá não existisse a possibilidade de se fazer uma pesquisa.

Foram feitas algumas perguntas diferentes para Coordenadores de Artes Visuais, professores e alunos, mas, o eixo principal das entrevistas foram questões sobre: o acolhimento do repertório visual anterior do aluno; relações entre técnica e poética pessoal; emancipação intelectual através das Artes Visuais; as várias concepções sobre arte e as possibilidades de atuação na área.

A Escola de Belas Artes aponta a necessidade de atualização da proposta pedagógica, que precisa ser revista de modo dinâmico a partir de reflexões sobre as práticas cotidianas. Pode-se perceber que no Arena da Cultura a coordenação de área integra a prática dos professores, numa reflexão pedagógica coletiva e constante, enquanto no curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes não há uma função correspondente, os professores atuam de modo individual.

Quanto aos professores parecem atuar de modo semelhante, acolhendo o repertório dos alunos, integrando técnica e poética pessoal nos processos de aula, permitindo a construção da autonomia.

Na entrevista com os alunos fica evidente que os alunos do curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes não valorizam seu repertório anterior o que nos leva a questionar se nas práticas em sala de aula este repertório é valorizado.

Ao refletir sobre como se deu esta pesquisa, evidencia-se, a seguir:

- a ideia inicial foi buscar conhecer o ensino de Artes Visuais a partir da vontade do indivíduo de praticar e conhecer o fazer artístico, desvinculado de obrigatoriedades curriculares e até profissionais. Perceber o ensino/aprendizagem, o fazer artístico como forma de estar no mundo.

- em seguida, foi necessário fundamentar teoricamente as diferentes concepções e formas de se ensinar arte;
- finalmente, encontrou-se como um dos temas o reconhecimento do indivíduo enquanto ser capaz de produzir e encontrar seu próprio conhecimento, de forma a promover sua emancipação nos seus processos criativos e busca do ensino/aprendizagem em arte.

Percebe-se a pesquisa como enriquecedora, ao observar de perto a ótica diferenciada do ensino no projeto Arena da Cultura e o ensino qualificado da Escola de Belas Artes, entrelaçando teoria e prática.

Acredita-se que quando o Arena da Cultura não for mais um projeto, se institucionalizando como uma Escola de Arte Livre, sejam supridos importantes requisitos como:

- contratação de profissionais de ensino de arte para seu quadro de funcionários;
- continuidade e sequência nos ciclos das modalidades de ensino;
- titulação para os alunos que completarem todos ciclos da modalidade de Longa Duração e outros.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. O Artista e o Artesão. In: Baile das Quatro Artes. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963

COLI, Jorge. O Que é Arte. São Paulo: Brasiliense, 2007

EDITAL DE SELEÇÃO DE PROPOSTAS DE OFICINAS DE ARTES VISUAIS PARA “Ação de Formação Artística e Cultural da FMC -2012/2013”, disponível em <http://www.fundep.ufmg.br>, acessado em 04/12/2013

PIMENTEL, Lúcia G. O Ensino da Arte e Sua Pesquisa: Possibilidades e Desafios. Eba/Ufmg. 2012

PROJETO PEDAGÓGICO REFORMULADO, disponível em, [http://www.fae.ufmg.br/licenciaturas/pdfs/artes\\_visuais/pdf](http://www.fae.ufmg.br/licenciaturas/pdfs/artes_visuais/pdf), acessado em 04/12/2013

RANCIÈRE, Jacques. O Mestre Ignorante, Belo Horizonte: Globo, 1986

ROLLAND, Romain. Jean-Christophe. Porto Alegre: Globo, 1986

## SITES MAIS CONSULTADOS

<http://www.eba.ufmg.br>

[http://www.fae.ufmg.br/licenciaturas/pdfs/artes\\_visuais.pdf](http://www.fae.ufmg.br/licenciaturas/pdfs/artes_visuais.pdf)

<http://www.fundep.ufmg.br>

<https://www.facebook.com/ArenaDaCultura>. BH

<http://lattes.cnpq.br>

<http://www.pbh.gov.br/cultura>

## ANEXO I – ARENA DA CULTURA – Curta Duração (detalhamento)

### Modalidade I – CURTA DURAÇÃO

#### SENSIBILIZAÇÃO e/ou COMPLEMENTAÇÃO DE ESTUDOS

Carga horária: 36horas

Idade mínima: a partir dos seis anos de idade, reunidos em grupos mistos ou por faixa etária

Local: Centros Culturais e núcleos BH Cidadania

Descrição: “Oficinas temáticas” com “recortes precisos” extraídos dos conteúdos programáticos da área de Artes Visuais, tendo como área de interesse:

Desenho e práticas correlatas;

Pintura e práticas correlatas;

Escultura e práticas correlatas;

Gravura, Artes Gráficas e práticas correlatas;

Fotografia e práticas correlatas;

Vídeo e práticas correlatas;

Arte Ambiente (Street Art, Intervenções Urbanas, Arte Ambiente, Instalação, etc.);

Performance;

Plasticidades Transdisciplinares I: Artes Visuais e outras Artes;

Plasticidades Ampliadas: Figurinos, Adereços e práticas correlatas;

Plasticidades Populares: Bordado, Tricô, Crochê, Tecelagem e

práticas correlatas, etc.. ( Disponível no site [www.fundep.ufmg.br](http://www.fundep.ufmg.br), acessado em 09/11/13).

Entendendo-se por práticas correlatas “ aquela prática que está associada com a estrutura de pensamento e com a linguagem visual a que se refere.”

#### COMPLEMENTAÇÃO DE ESTUDOS

Oficinas que visam complementar a formação e conteúdos programáticos dos alunos dos cursos de Sensibilização, Iniciação, Aprofundamento e também de Especialização. Nestes casos, destinam-se a um público a partir de quatorze anos.

## ANEXO II – ARENA DA CULTURA – Longa Duração

### Modalidade II – LONGA DURAÇÃO

#### Primeiro Ciclo: INICIAÇÃO ARTISTICA

Carga horária: 126horas

Idade mínima: a partir dos quatorze anos de idade

Local: Centros Culturais e NUFAC

Descrição: Práticas para quem deseja se iniciar em Artes Visuais ou já se encontram num estágio inicial que estimulam o potencial criativo dos indivíduos e introduzem conhecimentos técnicos básicos ligados às Artes Visuais, integrados ao processo de formação de quatro anos proposto pelo projeto. (Disponível no site [www.fundep.ufmg.br](http://www.fundep.ufmg.br), acessado em 09/11/13).

#### Segundo Ciclo: APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS

Local: Centros Culturais e NUFAC

Descrição: Módulos do ciclo formativo de quatro anos que atende alunos

Já realizaram a oficina de Iniciação ou vieram de outras instituições que oferece um aprofundamento que envolve prática e a reflexão em Artes Visuais realizados nas oficinas abaixo: .

Módulo I - Imagem, objeto, pensamento – 126 horas

Módulo II – Imagem, corpo, pensamento – 126 horas

Módulo III – Imagem, paisagem, pensamento – 126 horas(Disponível no site [www.fundep.ufmg.br](http://www.fundep.ufmg.br), acessado em 09/11/13).

## ANEXO III – ARENA DA CULTURA – Oficinas NUFAC

Quadro de oferta de oficinas de todas as áreas em 2013 realizadas no Nufac.

(Disponível no site [www.pbh.gv.br/cultura](http://www.pbh.gv.br/cultura), acessado em 09/11/13)

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE  
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA  
DIRETORIA DE AÇÃO CULTURAL  
DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO E ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL

OFICINAS DO NÚCLEO DE FORMAÇÃO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL (NUFAC)- 2013

ÁREA	REGIONAL	LOCAL/EQUIPAMENTO	TIPO	DIAS E HORÁRIOS	INFORMAÇÕES ADICIONAIS
ARTES VISUAIS	Centro-Sul	NUFAC	Iniciação	Segunda e Quarta 14h às 17h	Módulo I
			Iniciação	Terça e Sexta 14h às 17h	Módulo I - 10 vagas
			Aprofundamento	Terça 19h às 22h e Sábado 14h às 17h	Módulo I -10 vagas Imagem, objeto, pensamento
			Aprofundamento	Quarta 19h às 22h e Sábado 9h às 12h	Módulo III -15 vagas Imagem, paisagem, pensamento
			Especialização	Terça e Quinta 19h às 22h; Sábado 9h às 12h	Especialização I /Módulo I - 15 vagas Expressão bidimensional
			Especialização	Segunda e Quinta 19h às 22h; Sábado 14h às 17h	Especialização II /Módulo I - 20 vagas Arte-Ambiente: Intervenções Urbanas, Instalações e Performance
DANÇA	Centro-Sul	NUFAC	Iniciação	Segunda e Quarta 19h às 22h	Módulo I
			Iniciação	Terça e Quinta 14h às 17h	Módulo I
MÚSICA	Centro-Sul	NUFAC	Iniciação	Terça e Quinta 19h às 22h	Módulo I
			Iniciação	Segunda e Quarta 19h às 22h	Módulo II -20 vagas
			Aprofundamento	Terça, Quarta e Quinta 19h às 22h	Módulo III - Conteúdos: MUSICALIZAÇÃO - QUINTA 19H ÀS 22H - Prática conectada a propostas de solfejo, análise, escrita, criação e apreciação, incluindo a contribuição para a preparação para provas de vestibular em música.
					OPTATIVA : QUARTA 19H ÀS 22H -Trilha Sonora Improvisada para Cinema Mudo (Práticas de improvisação, análise e criação da trilha sonora).
		OPTATIVA : TERÇA 19H ÀS 22H - CRIAÇÃO/ PRÁTICA DE CONJUNTO -Criação Musical Livre e Práticas de Composição, Arranjo e Ritmos brasileiros			
PATRIMÔNIO CULTURAL	Centro-Sul	NUFAC	Iniciação	Segunda e Quarta 19h às 21h	Módulo I
TEATRO	Centro-Sul	NUFAC	Iniciação	Terça e Quinta 19h às 22h	Módulo I
			Iniciação	Segunda e Quarta 14h às 17h	Módulo I

ANEXO IV – ARENA DA CULTURA – Oficinas BH Cidadania

Quadro de oferta de oficinas em 2013 realizadas nos núcleos BH Cidadania.

(Disponível no site [www.pbh.gv.br/cultura](http://www.pbh.gv.br/cultura), acessado em 09/11/13)

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE  
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA  
DIRETORIA DE AÇÃO CULTURAL  
DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO E ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL

OFICINAS NOS NÚCLEOS BH CIDADANIA - Oferta de Oficinas 2013

ÁREA	REGIONAL	LOCAL/EQUIPAMENTO	TIPO	DIAS E HORÁRIOS	INFORMAÇÕES ADICIONAIS
ARTES VISUAIS	Leste	BHC Mariano de Abreu	Sensibilização	Terças, de 14 às 16h	Plasticidades Populares
	Nordeste	BHC União Arthur de Sá	Sensibilização	Sexta 9h às 11h	Fotografia (Específica para os Agentes Comunitários de Saúde)
	Noroeste	BHC Califórnia	Sensibilização	Terça, 14h às 16h	Arte de Rua
		BHC Coqueiral	Sensibilização	Segunda e Quarta 8h30 às 10h30	Cartões Postais: encontro com a Aquarela
		BHC Senhor dos Passos	Sensibilização	Terça e Quinta 9h às 11h	Plasticidades Populares
	Norte	BHC Novo Aarão Reis	Sensibilização	Terça 14h30 às 16h30	Vídeoclipse
Pampulha	BHC Santa Rosa	Sensibilização	Segunda e quarta, de 14 às 16h.	Arte de Rua	
CIRCO	Leste	BHC Alto Vera Cruz	Sensibilização	Terça 9h às 11h	
	Norte	BHC Novo Aarão Reis	Sensibilização	Segunda e Quarta 14h30 às 16h30	
	Oeste	BHC Havai	Sensibilização	Terça e Quinta de 9h às 11h	
		BHC Vista Alegre	Sensibilização	Terça e Quinta 8h às 10h	
	Venda Nova	BHC Jardim Leblon/ Apolônia	Sensibilização	Quarta e Sexta 9h às 11h	Modalidade Solo
DANÇA	Centro-Sul	BHC Vila Fátima	Sensibilização	Terça e Quinta 19h às 21h	
	Oeste	BHC Havai	Iniciação	Terça e Quarta 13h30 às 15h30	
MÚSICA	Noroeste	BHC Califórnia	Sensibilização	Quinta, 14h às 16h	Percussão
	Oeste	BHC Morro das Pedras	Sensibilização	Segunda e Quarta 13h às 15h	Violão (nível 1)
				Sensibilização	Segunda e Quarta 15h às 17h
Venda Nova	BHC Mantiqueira	Sensibilização	Segunda e Sexta 14h às 16h	Percussão	
PATRIMÔNIO CULTURAL	Barreiro	BHC Independência	Sensibilização	Terça 15h às 17h	Imagens que contam histórias
		BHC Vila Fátima	Sensibilização	Sábado 9h às 12h	
		BHC Vila Marçola	Sensibilização	Quarta e Sexta 9h às 11h	Teatro de Bonecos e Brincadeiras
	Leste	BHC Alto Vera Cruz	Sensibilização	Quarta 8h30 às 10h30	Brinquedos e Brincadeiras
	Nordeste	BHC União Arthur de Sá	Sensibilização	Sexta 13h30	Dança e Música
			Sensibilização	Terça 13h30	Ênfase em Música
		BHC Vila Maria	Sensibilização	Terça e Sexta 14h às 16h	Fotografia e Vídeo
	Noroeste	BHC Coqueiral	Sensibilização	Quarta 8h às 10h	Brinquedos e Brincadeiras. Local de realização: Ciame Pindorama
	Norte	BHC Zilah Spósito	Sensibilização	Quinta 18h às 21h	Música e Dança: raízes brasileiras
			Sensibilização	Sábado 9h às 11h	Práticas Musicais em Conjunto
Venda Nova	BHC Mantiqueira	Sensibilização	Terça 9h às 11h	Saber, Fazer, Criar	
TEATRO	Noroeste	BHC Senhor dos Passos	Sensibilização	Segunda e Quarta 14h às 16h	
		BHC Morro das Pedras	Sensibilização	Segunda e Quarta 14h às 16h	
	Oeste	BHC Vista Alegre	Sensibilização	Terça e Quinta 8h às 10h	Teatro de Objetos Local de realização: Obra Social Madre Gertrudes
Venda Nova	BHC Mantiqueira	Sensibilização	Terça 14h às 16h		

## ANEXO V – BELAS ARTES – Habilidade Especifica

Disponível no site <http://www.ufmg.br/copeve>, Edital do Concurso Vestibular, de 09 de maio de 2014, acessado em 26/10/13.

### Prova de Habilidade Especifica Artes Visuais - PERCEPÇÃO VISUAL

1. Observação de um modelo exposto.
2. Representação do modelo na bidimensionalidade e na tridimensionalidade.
3. Domínio de recursos técnicos lápis preto e lápis de cor, caneta, colagem, modelagem e outros.
4. Representação de texturas e materiais cerâmica, vidro, madeira, metal, tecido, água e outros.
5. Percepção das estruturas volume, proporção, luz e sombra.
6. Interpretação e entendimento da forma no espaço.
7. Composição.
8. Equilíbrio, ritmo e movimento.
9. Noções básicas de cor primária secundária e terciária.
10. Criação e expressão de ideias.
11. Interpretação e análise de imagens.
12. Compreensão análise e síntese, por meio de interpretação, modificação ou complementação de imagens ou textos.
13. Criação e ou representação do movimento sequencial.
14. Descrição e análise de imagens de obras de arte.

PARA A REALIZAÇÃO DA PROVA O CANDIDATO DEVE LEVAR APENAS: BORRACHA; CANETA ESFEROGRÁFICA ESCRITA FINA (COR PRETA); LÁPIS NAS CORES VERMELHO, AZUL E AMARELO; LÁPIS PRETO 2B; TESOURA COM PONTA ARREDONDADA E COLA.

Será feita uma avaliação da capacidade de observação, do mínimo de recursos específicos para representação de modelos, estruturas, volume, cor, luz, sombra, texturas e materiais, representação da forma no espaço, perspectiva, a coerência entre o trabalho elaborado e o enunciado da questão proposta, a criação e a argumentação visual.

ANEXO VI – BELAS ARTES – Ciclo Básico

Disponível no site [www.eba.ufmg.br](http://www.eba.ufmg.br) Graduação Artes Visuais, acessado em 09/11/13

## HORÁRIO DE AULAS 2013/2º CICLO BÁSICO

1º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Forma, Cor e Composição	DES005	A	05	Maria do Céu	Atl.6	07.50/12.20				
Bidimensionalidade I	DES004	A	05	Conceição Bicalho	Atl.7		07.50/12.20			
Artes Visuais I	APL008	A	04	Yacy-Ara	CAD B413			08.20/12.00		
Imagem Técnica	FTC070	A	05	Adolfo/Brigida/Cacá	Atl.7					07.50/12.20
Forma, Cor e Composição	DES005	B	05	Maria do Céu	Atl.7				07.50/12.00	
Bidimensionalidade I	DES004	B	05	Antônio Signorini	Atl.7	07.50/12.20				

2º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Bidimensionalidade II	APL010	A	05	Andrea Lanna	Atl3/4	07.50/12.20				
Tridimensionalidade	APL011	A	05	Cris Bickel	Cer.			07.50/12.20		
Impressão	APL012	A	05	Daisy Turrer	Casa Grav.				07.50/12.20	
Artes Visuais II	APL009	A	04	Alexandre Ragazzi	CAD C412					08.20/12.00
Bidimensionalidade II	APL010	B	05	Andréa Lanna	Atl3/4			07.50/12.20		
Tridimensionalidade	APL011	B	05	Cris Bickel	Cer.	07.50/12.20				
Impressão	APL012	B	05	Daisy Turrer	Casa Grav.		07.50/12.20			

## ANEXO VII – BELAS ARTES – Habilitação em Artes Gráficas

Disponível no site [www.eba.ufmg.br](http://www.eba.ufmg.br) Graduação Artes Visuais, acessado em 09/11/13

### HORÁRIO DE AULAS 2013/2º HABILITAÇÃO EM ARTES GRÁFICAS

3º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Artes Gráficas A	DES009	A	05	Vlad Poenaru	Atl1/2				13.00/17.30	
Artes Gráficas B	DES010	A	05	Elisa Campos	Atl.1		13.00/17.30			
Artes Gráficas C	DES011	A	05	Marcelo Kraiser	Atl.7			13.00/17.30		
Artes Visuais Moderna e Contemporânea	APL013	A	04	Marcos Hill	Audt.			08.20/12.00		

4º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Artes Visuais no Brasil I	APL021	A	04	Marcos Hill	Audt.					08.20/12.00
Metodologia da Pesquisa: Arte	APL022	A	04	Lúcia/ Patrícia	CAD B413	08.20/12.00				
Artes Gráficas: Projeto	DES013	A	10	Vlad Poenaru	Atl.1		07.50/12.20		07.50/12.20	

5º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Artes Visuais no Brasil II	APL029	A	04	Piti	CAD C412				13.20/17.00	
Ateliê de Artes Gráficas I	DES015	A	10	Elisa Campos	Atl.1/2	13.00/17.30		13.00/17.30		

6º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Crítica das Artes Visuais	APL048	A	04	Piti	2007		08.20/12.00			
Ateliê das Artes Gráficas II	DES017	A	15	Brigida Campbell	Atl.2	07.50/12.20		07.50/12.20	07.50/12.20	

7º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Ateliê das Artes Gráficas III	DES019	A	15	Marcelo Drummond	Atl.2		07.50/12.20			07.50/16.30

8º PERÍODO											
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira	sábado
Trabalho de Conclusão de Curso	EBA026	A	10	Marcelo Drummond/Amir Brito	Atl.1					13.00/17.30	07.00/11.10
Ateliê das Artes Gráficas IV	DES021	A	10	Amir Brito	Atl.1			07.50/12.20		07.50/12.20	

*Habilitação em Artes Gráficas: obrigatório cursar 38 créditos em disciplinas optativas*

## ANEXO VIII – BELAS ARTES – Habilitação em Desenho

Disponível no site [www.eba.ufmg.br](http://www.eba.ufmg.br) Graduação Artes Visuais, acessado em 09/11/13

### HORÁRIO DE AULAS 2013/2º HABILITAÇÃO EM DESENHO

3º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Desenho A	DES006	A	05	Conceição Bicalho	Atl.7	13.00/17.30				
Desenho B	DES007	A	05	Antonio Signorini	Atl.7		13.00/17.30			
Desenho C	DES008	A	05	Eugênio Paccelli	Atl.7				13.30/18.00	
Desenho C	DES008	B	05	Eugenio Paccelli	Atl.7					13.00/17.30
Artes Visuais Moderna e Contemporânea	APL013	A	04	Marcos Hill	Audt.			08.20/12.00		

4º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Artes Visuais no Brasil I	APL021	A	04	Marcos Hill	Audt.					08.20/12.00
Metodologia da Pesquisa: Arte	APL022	A	04	Lúcia/ Patrícia	CAD B413	08.20/12.00				
Desenho Projeto	DES012	A	10	Marcelo Kraiser	Atl.6		07.50/12.20		07.50/12.20	

5º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Artes Visuais no Brasil II	APL029	A	04	Piti	CAD C412				13.20/17.00	
Ateliê de Desenho I	DES014	A	10	Lau Aguiar	Atl.6	13.00/17.30		13.00/17.30		

6º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Crítica das Artes Visuais	APL048	A	04	Piti	2007		08.20/12.00			
Ateliê de Desenho II	DES016	A	15	Lau Aguiar	Atl.6	13.00/17.30		13.00/17.30		13.00/17.30

7º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Ateliê de Desenho III	DES018	A	15	Roberto Bethônico	Atl. 1/6	07.50/12.20 (1)		07.50/12.20 (6)		07.50/12.20 (6)

8º PERÍODO										
<i>Disciplina</i>	Código	Turma	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Trabalho de Conclusão de Curso	EBA028		10	Rodrigo Borges	???			13.00/17.30		13.00/17.30
Ateliê de Desenho IV	DES020	A	10	Rodrigo Borges	???	07.50/12.20				07.50/12.20

*Habilitação em Desenho: obrigatório cursar 38 créditos em disciplinas optativas*

## ANEXO IX – BELAS ARTES - Optativas

Disponível no site [www.eba.ufmg.br](http://www.eba.ufmg.br) Graduação Artes Visuais, acessado em 09/11/13

### HORÁRIO DE AULAS -2013/2º OPTATIVAS

OPTATIVAS										
Disciplina	Código	T	CR	Professor	Sala	2a. feira	3a. feira	4a. feira	5a. feira	6a. feira
Tópicos em Artes Plásticas: Aquarela I	APL049	A	05	Giovanna Martins	Atl 3/4			13.30/18.00		
Tóp. em Escultura: Cerâmica II	APL046	A	04	João Cristeli	Cer				13:30/17:10	
Tópicos em Artes Plásticas: Aquarela I	APL049	B	05	Mário Azevedo	Atl. 8				13.30/18.00	
Artes da Fibra II	APL616	A	06	Maria Luiza	Atl.Fi bras		08.20/10.50		08.20/10.50	
Tópicos em Artes Gráficas: Publicações independentes	DES022	A	04	Brígida Campbell	Atl 2		13:00/16:30			
Tópicos em Fotografia: Fotografia Básica	FTC079	A	04	Anna Karina	Lab. Fot. Lab3 D-B	13.50/17.30				
Tópicos em Fotografia: Fotografia Básica	FTC079	B	04	Anna Karina	Lab. Fot. Lab3 D-B			07.50/11.30		
Tópicos em Fotografia: Fotografia Digital Básica	FTC079	C	04	Alexandre Leão	Lab/ 3D-B				13.50/17.30	
Tópicos em Fotografia: Evolução e Crítica da Fotografia	FTC079	D	04	Adolfo Cifuentes	CAD C412		13.50/17.30			
Tópicos em Fotografia: Laboratório P&B	FTC079	E	04	Paulo Baptista	Lab. Fot. Lab3 D-B			13.50/17.30		
Tópicos em Fotografia: Fotografia em Estúdio	FTC079	F	04	Luis Morais	Est. Foto		07.50/11.30			
Tópicos em Fotografia: Atelier de Fotografia A	FTC083	A	05	Luis Morais	Est. Foto		13.30/18.00			
Tópicos em Fotografia: Atelier de Fotografia B – Ensaio/Projeto	FTC083	B	05	Patricia Azevedo	Est. Foto			07.50/12.20		
Tópicos em Cinema: Frank Borzage****	FTC078	A	04	Luiz Nazário	2007	18.30/22.00	18.30/22.00	18.30/22.00	18.30/22.00	18.30/22.00

\*\*\*\* - disciplina condensada de 04 a 22 de novembro

Obs: a disciplina de *Fotografia Básica* (ou outra correspondente de outros cursos) é *pré-requisito* para: *Fotografia Digital Básica e Laboratório PB*

Pré-requisito para Atelier A e/ou B: pelo menos duas disciplinas da área de fotografia( fotografia básica + uma)

## ANEXO X – ENTREVISTAS

### PERGUNTAS COMUNS A TODOS OS ENTREVISTADOS:

- 1) Você acha possível que a escola acolha o repertório visual anterior do aluno em meio a tantas diferenças na sala de aula?
- 2) Mário de Andrade cita artesanato (domínio do fazer), virtuosismo (aperfeiçoamento da técnica) e talento (o que o artista tem a dizer) como etapas do aprendizado para execução da obra de arte. Você acha possível fazer emergir estas etapas nos processos de criativos artísticos produtivamente em sala de aula?
- 3) Jacques Rancière nos mostra que emancipar é revelar a inteligência a ela mesma e que quem emancipa já é um emancipado. Você acredita que seja possível emancipar alguém através das Artes Visuais?
- 4) O que o instigou a buscar o ensino/a profissionalização em Artes Visuais?

### PARA COORDENADORES E PROFESSORES, acrescentou-se :

- 5) A proposta pedagógica da sua escola é compatível com seu projeto pessoal enquanto educador em Artes Visuais?

### APENAS PARA COORDENADORES, acrescentou-se:

- 6) Jacques Rancière fala que o grande educador é que abole distância entre o indivíduo que ensina e o indivíduo que aprende. E também que é o que educa através de perguntas ao aluno, podendo ensinar inclusive o que não sabe. Na escola, vivencia-se esta prática?
- 7) Que tipo de aluno este curso de Artes Visuais deseja formar?
- 8) Como se dá o ensino/aprendizagem nesta escola na relação teoria/prática?

### APENAS PARA PROFESSORES, acrescentou-se:

- 9) Você colocaria ou retiraria alguma pergunta nesta entrevista?

### APENAS PARA ALUNOS, acrescentou-se:

- 10) Relate alguma vivência comovente em Artes Visuais fora do ambiente escolar (artes visuais, circo, dança, música e teatro)? Como foi essa experiência?
- 11) Quais são as suas referências visuais?
- 12) Dentro da sua família existe alguém que se manifesta ou se já manifestou artisticamente?
- 13) Você já praticou arte ou artesanato antes de entrar para escola de Artes Visuais? Como foi?
- 14) Além da sua escola, você tem o hábito de frequentar equipamentos artísticos e culturais?
- 15) Como se dá a sua prática, fora da sala de aula, de algum recurso aprendido na sua escola de Artes Visuais?
- 16) Você pesquisa outras técnicas além das que você já sabe?